
AS RELAÇÕES ENTRE O CINEMA E A EDUCAÇÃO NO FESTIVAL DE CINEMA DE OURO PRETO (CINEOP)

ENTREVISTA realizada com Valeska Fortes de Oliveira, coordenadora da área de Cinema e Educação no Festival de Cinema de Ouro Preto (CINEOP)

*Adriana Hoffmann Fernandes
Virginia de Oliveira Silva*

Valeska Fortes de Oliveira é professora titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), criado em 1993 e certificado pelo CNPq, no qual desenvolve investigações no campo do imaginário social com o foco nas narrativas de vida de professores e nas relações entre cinema e formação de professores. Coordena, também, os convênios realizados com Argentina, México e Portugal no âmbito da Universidade Federal de Santa Maria e integra a Rede Latino-Americana de Cinema e Audiovisual (KINO). Coordenou o GT 08 – Formação de Professores da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd) na gestão 2014-2015. Em 2015, passou a coordenar, ao lado de Isaac Pipano, o encontro de Cinema e Educação do Festival de Cinema de Ouro Preto (CINEOP), juntamente com as coordenadoras anteriores Inês Teixeira, Adriana Fresquet e Milene Gusmão.

A entrevista que se segue começou a ser preparada em 2015, durante o Festival de Cinema de Ouro Preto e a 37ª ANPEd que promoveu a sua primeira mostra de filmes de pesquisa. Propusemos à Valeska que situasse os leitores acerca do papel do CINEOP como um dos únicos eventos culturais da área de Cinema que promove discussões relativas à educação. Assim como tem sido um desafio abrir espaços para discutir sobre as pesquisas com cinema nos fóruns de educação, também tem sido difícil abrir espaços para pensar a educação nos eventos de cinema.

O CINEOP torna-se um marco histórico, nesse sentido, porque desde 2010 realiza o Fórum da Rede Kino – Rede Latino-Americana de Cinema e Audiovisual, no qual se buscam apresentar e debater práticas de Cinema e Educação. Em 2015, a 10ª Edição do CINEOP teve uma nova

modalidade de participação, abrindo também a possibilidade de apresentação e debate de pesquisas com cinema na educação, uma nova conquista.

TEIAS. Segundo a sua perspectiva, como tem se dado o percurso histórico da abordagem da temática "cinema e educação" dentro do CINEOP?

Valeska Fortes. A temática de Cinema e Educação tem ganhado todos os anos, desde a sua criação pelas idealizadoras da Rede Kino, Adriana Fresquet, Inês Teixeira, Milene Gusmão, Rosália Duarte, Bete Bullara e Marialva Monteiro, um espaço cada vez maior e mais sincronizado com a Programação do CINEOP, visto que na sua última edição em Ouro Preto, em 2015, já tivemos a programação das atividades de apresentação de trabalhos e debates no mesmo catálogo do Evento. Também já notamos que, com a organização do Fórum da Rede Kino, temos a cada ano recebido mais experiências com produções audiovisuais, trazidas de diferentes estados e espaços educativos do país e fora dele.

O Espaço do CINEOP se configurou num privilegiado fórum de socialização de produções e debates sobre o cinema e o audiovisual nas propostas educativas que vêm movimentando pessoas que têm apostado na potência destes dispositivos na formação ética, estética e política dos professores e estudantes. Ainda, como acreditamos que estamos mobilizando o cinema como linguagem e como criação, produzimos com isso "barulhinhos bons" nos desenhos curriculares das instituições e nas propostas tradicionais de ensino e de aprendizagem. O espaço do CINEOP tem sido um fórum para todas estas discussões e outras tantas, até mesmo do formato de evento que queremos instituir. Um pouco além do que já conhecemos dos formatos acadêmicos.

TEIAS. Em sua opinião, quais são os ganhos de um Festival de Cinema que aceita abordar as temáticas da educação relacionadas ao cinema?

Valeska Fortes. É um festival muito plugado nas questões culturais da cidade, da região mineira, pensando na sétima arte como ampliação dos repertórios e no papel da cultura numa relação estreita com as escolas e com a educação. Nossos festivais de cinema no Brasil precisariam todos caminhar mais para este fim, especialmente, porque temos muitas produções com financiamento público que precisariam de maior divulgação e acesso e o Festival é esse espaço. Temos trabalhado com as redes de ensino na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e

percebemos que a maioria dos professores desconhece a produção nacional e ainda nutre um imaginário empobrecido sobre o cinema nacional, por conta do desconhecimento e dificuldade de acesso. Esse foi um dos temas do nosso último Fórum da Rede Kino no CINEOP: acesso e acessibilidade. Mesmo nos festivais realizados aqui no Sul, temos grandes dificuldades de acesso às produções trazidas para as mostras a cada ano. A própria idéia da mostra de filmes na praça, no espaço público de passagem das pessoas, organizado para a exposição de produções nacionais, é uma forma de democratizar e dar visibilidade a essas produções a quem interessa – à população, às escolas. As sessões organizadas para as escolas também incluem a educação e os seus atores – professores e estudantes na programação. O formato do CINEOP sempre me chamou muito a atenção e ele foi construído por todos os que participaram dele até então. É uma questão política garantir esse espaço. Nesse sentido, como ganhamos um espaço de cinema e educação dentro de um Festival de Cinema, precisamos ir recriando o fórum, a cada ano e edição, a partir das sugestões e avaliações realizadas com os participantes.

TEIAS. Quais têm sido os temas de "cinema e educação" privilegiados ao longo das edições do CINEOP?

Valeska Fortes. Em 2013, quando integrei a Rede Kino, na época, fomos apresentar nosso trabalho com formação de professores na temática de cinema e formação ética e estética. Adriana Fresquet (2013: 178) apresentando a proposta da REDE KINO 2013, afirma:

Neste V Fórum da Rede Kino, Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual pretendemos diminuir algumas distâncias entre as temporalidades que remontam aos tempos de chumbo, mas também a tempos de iniciação de projetos audiovisuais em comunidades, zonas urbano-marginais como gesto político e poético de justiça social dirigidas a refletir hoje.

“Educação como memória, esperança e invenção” foi a inspiração de 2013. “Cinema nas Escolas em tempos de REDES” foi a temática de 2014 que atravessou tanto a temática de preservação quanto a de educação. “O diálogo do cinema com a educação em tempos de produção e compartilhamento de conhecimentos e imagens nas redes” foi a provocação às experiências inscritas no fórum. Em 2015, por ocasião da aprovação da Lei 13006/2014, nos ocupamos da discussão da “Obrigatoriedade do Cinema na Escola e das questões do acesso e acessibilidade”.

TEIAS. Como você observa as reações do público à Mostra da Educação?

Valeska Fortes. O público participa muito. Nós coordenadores e professores é que temos reclamado que a programação é tão intensa que não conseguimos, na maioria das vezes, acompanhar. Envolvemo-nos com os debates e apresentações de trabalhos e não conseguimos nos inserir na mostra como um todo. Especialmente na mostra dedicada às Escolas, que tem programação concomitante a nossa do Fórum. Temos discutido isso no âmbito da Rede Kino, de como nos integrarmos mais para que não se resuma e nem se configure num evento de apresentação de trabalhos no formato acadêmico, perdendo o seu potencial de mostra de produções audiovisuais. Penso que o público tem recebido bem o evento e pretendemos melhorá-lo cada vez mais.

TEIAS. Como você tem percebido a relação, a participação e a presença dos pesquisadores de Cinema e de Educação no CINEOP?

Valeska Fortes. Tem sido, a cada ano, mais intensa e temos conhecido muitos pesquisadores de todo o país que vêm trabalhando com cinema na educação. Temos recebido muitas experiências de instituições educativas, não somente acadêmicas, mas professores que vêm mostrar os trabalhos com os estudantes. No âmbito da pesquisa, temos encontrado também na KINO um espaço de troca e de conhecimento da produção nacional e internacional. Já temos desenvolvido, inclusive, pesquisas em rede, a partir da nossa convivência na Rede Kino. Apresentamos em mais de uma edição do fórum os resultados da pesquisa coordenada pela Prof^a Inês Assunção de Castro Teixeira, intitulada “Enredos da vida, telas da docência: os professores e o cinema”, quando recebi o convite para participar como coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), representando a Universidade Federal de Santa Maria e o Sul do Brasil, já que, Milene Gusmão também participava representando outro espaço geográfico do nosso imenso Brasil. Interrogamos e buscamos conhecer algo mais acerca dos encontros e desencontros dos professores com o cinema, alinhados com os problemas da docência e da educação como um todo. Nosso projeto em Santa Maria desdobrou-se num programa de formação continuada com a rede municipal de professores (SMED) e com o sindicato (SIMPROSM), durante dois anos e, ainda, a aplicação dos questionários da pesquisa nacional, com apoio do Edital Universal do CNPq, com vários desdobramentos e produções já apresentadas em eventos acadêmicos dentro e fora do país. A produção coletiva organizada por nós, com toda a intensidade e multiplicidade do que realizamos juntas, será publicada pela Editora Autêntica, ainda neste ano. Também tivemos o apoio da produtora Universo na publicação de uma obra organizada pela Adriana Fresquet, com a

participação de pesquisadores e professores de todo o país acerca da Lei 13006, intitulada “Cinema e Educação: a Lei 13.006. Reflexões, Perspectivas e Propostas”. Os interessados no acesso à produção podem tê-lo através do link: http://www.cineop.com.br/Livreto_Educacao10Cine_OP_WEB.pdf.

TEIAS. Segundo a sua opinião, quais são as principais questões que o cinema faz à educação e a educação faz ao cinema num evento do porte do CINEOP?

Valeska Fortes. Em primeiro lugar, o CINEOP proporciona o espaço para a organização de fórum de educação e cinema dentro do próprio festival, isso já é um mérito. Depois, podemos falar que movimenta as pessoas a socializarem suas produções e, ainda mais significativo, a meu ver, traz à cidade, às escolas, aos professores, às pessoas em geral o envolvimento com o mundo da produção audiovisual – a sétima arte entra e contagia, envolve e movimenta culturalmente. Ainda podemos falar que nos aproxima com o país, pois temos um encontro marcado entre vários pesquisadores que vêm cuidando do cinema e da produção audiovisual na educação. Tenho que lembrar que o CINEOP tem viabilizado o crescimento da nossa REDE, desde o seu surgimento em 2009:

Engajadas em projetos diversos que aproximam cinema e educação, as professoras universitárias Inês Teixeira (UFMG), Rosália Duarte (PUC- Rio), Milene Gusmão (UEsB) e Adriana Fresquet (UFRJ) e também as professoras Bete Bullara e Marialva Monteiro (CINEDUC – RJ) idealizaram, no II Encontro Internacional de Cinema e Educação da UFRJ, em 2008, uma iniciativa que pudesse congregiar pessoas e instituições para compartilhar experiências e somar as forças no intuito de viabilizar ações conjuntas relacionadas a essas áreas. Essa idéia materializou-se em 8 de agosto de 2009, quando um grupo de professores, pesquisadores, produtores, estudantes e representantes de organizações no âmbito do cinema e do audiovisual se reuniu na Faculdade de Educação da UFMG, em Belo Horizonte, e criou a Rede Kino – Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual. No mesmo ano, aconteceu, no dia 02 de dezembro, o I Fórum da Rede Kino no Rio de Janeiro, durante o III Encontro Internacional de Cinema e Educação da UFRJ. A partir do ano seguinte, o fórum vem sendo acolhido na Mostra de Cinema de Ouro Preto, evento representativo no circuito alternativo de exibição. (Disponível: www.redekino.com.br).

TEIAS. Quanto ao cinema na escola, à luz da Lei 13.006/2014: quais são as perspectivas apontadas pelo CINEOP?

Valeska Fortes. Através da Rede, o último fórum dedicou atenção especial à discussão do acesso e da acessibilidade nas apresentações de trabalhos e nas mesas temáticas. Já tivemos um debate significativo, por exemplo, sobre o processo de audiodescrição e da necessidade das LIBRAS serem incorporadas nas exigências das produções audiovisuais, especialmente, as que têm sido financiadas por editais públicos. Tivemos já na mostra produções que atendiam a preocupação da acessibilidade. Quanto à questão do acesso, aproveitei o espaço para divulgar um instrumento importante que já tem sido organizado coletivamente nos fóruns da KINO, acessível na íntegra, através da página do CINEOP, a Carta de Ouro Preto – 2015:

A nova lei, a saber, ainda a ser regulamentada, obriga a exibição de 2h mensais de cinema brasileiro em todas as escolas da educação básica do Brasil. Em todas, entendemos, segundo censo escolar de 2013 (Ideb), um contingente que ultrapassa 190.000 escolas nas cinco regiões. Destas, cerca de 33% não possuem sequer televisão e embora a internet atinja quase 60% das escolas, apenas 48% dispõem de banda larga, infra-estrutura básica para a exibição de filmes. Um número bastante expressivo de escolas, portanto, está imediatamente à margem do que propõe a Lei 13.006/2014. (Disponível: <http://www.redekino.com.br/vii-forum-da-rede-kino-carta-de-ouro-preto-2015/>).

Assim, uma das perspectivas apontadas pelo CINEOP e discutidas durante o fórum realizado neste ano – inclusive comprometendo através das falas representando o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura, nas secretarias que se fizeram presentes – foi o compromisso de acompanharmos a implementação da Lei através de organização de editais e projetos em pequena e larga escalas, envolvendo universidades e redes de ensino. Também apostamos na formação de professores, seja ela inicial ou continuada, na perspectiva da sensibilização dos professores que, segundo pesquisa que realizamos, ainda em pequena escala nacional, mas já com alguns estados envolvidos, mostra um imaginário resistente ao cinema nacional, o que, numa primeira avaliação, pensamos estar relacionado à questão do desconhecimento da produção existente. A própria questão do acesso é um destes fatores responsáveis por manter as pessoas num universo limitado de vivências cinematográficas e artísticas em geral. No caso dos professores, temos realizado projetos entre universidades e escolas, tentando propor a experiência ética, estética e política com as produções audiovisuais, ampliando assim, repertórios já existentes e, ainda, possíveis de serem ampliados, conjuntamente com os estudantes das escolas. Temos investido, mesmo nas nossas produções acadêmicas, na potência da sétima arte e onde ela pode chegar e nos

levar – como linguagem, com arte, como criação -, provocando movimentos e deslocamentos no instituído escolar. Pela lei e para além dela, no desejo que não seja, mais uma a ser burlada, pela ausência de sentidos e significados na docência e na educação, estamos implicados como Rede Kino e como formadoras(es) nas nossas instituições.